

Dossiê Aira, “cadáver esquisito” 3D

153

A academia universitária pós-moderna é pródiga em abordagens a escritores raros que pouco circulam fora de seus domínios. Não é o caso do autor que motiva este dossiê, César Aira (Coronel Pringles, 1949), muito presente em seus corredores virtuais mas igualmente lido por fiéis leitores mundo afora. A propósito, a palavra *dossier* aportuguesada soa exatamente como em francês; a propósito, alguns professores franceses dedicaram um encontro e um livro inteiro a uma única narrativa de César Aira (*Aira en réseau: rencontre transdisciplinaire autour du roman de l'écrivain argentin César Aira* [pronuncia-se “érrá”], *Un épisode dans la vie du peintre voyageur*); a propósito, *Um episódio na vida do pintor viajante* (2000) conta a história do pintor alemão Johan Moritz Rugendas em sua travessia dos Andes desde o Chile até Mendoza na Argentina de meados do século XIX; a propósito, na capital do Chile, no início do século XXI, a editora da Universidad Diego Portales publicou um dos últimos livros de César Aira, *Continuación de ideas diversas* (Santiago, 2014).

O Dossiê Aira não deixa de ser, por sua vez, outro “retrato”, outro “tabuleiro de jogo”, outro “cadáver esquisito” 3D: com estes termos o escritor nascido no meio da lisa e lhana Argentina se refere, no texto de contracapa, a *Continuación de ideas diversas* – série de reflexões que são igualmente *novelitas* potenciais, na linha dos diários de Kafka ou das irrupções levrierianas. Mas o cadáver esquisito 3D apresentado a seguir supõe-se por definição tão acefálico quanto polifacético, tanto continuação quanto irrupções: falam nele algumas vozes do próprio Aira – fragmentos da *Continuación*, antes de mais nada, em versões originais, e um certo ensaio anterior, “Kafka, Duchamp”, em versão brasileira; a voz de Carlito Azevedo, nas *13 variações* que resgatamos de uma caixinha contendo duas novelas de Aira (*As noites de Flores* e

Um acontecimento na vida do pintor-viajante) distribuída pela editora Nova Fronteira na Festa Literária Internacional de Parati (FLIP) em 2007; e aquelas de três pesquisadores brasileiros – Flávia Cera, Antonio Carlos Santos e Jorge Wolff, de Florianópolis – e uma argentina, Nancy Fernández, de Mar del Plata.

O poeta brasileiro Carlito Azevedo transforma o poeta argentino Anibal Cristobo em personagem que apresenta no Rio de Janeiro uma série de frases de César Aira “para depois negar que ele as tivesse dito”; a psicanalista Flávia Cera devora um relato de Aira, *La cena*, a golpes de zumbis contemporâneos; o polígrafo Antonio Carlos Santos reencena o crime-em-ato de *El criminal y el dibujante* que nunca cessa de não acontecer; a ensaísta Nancy Fernández aproxima e distingue Borges e Aira pelo viés da escritura e da leitura; o professor Jorge Wolff esboça a des-figuração dos narradores de *Nouvelles impressions du Petit Maroc* e *El juego de los mundos*. Trabalhar com literatura, ter visitado aquela FLIP (ainda que antes de começar) e estar vinculado à universidade brasileira deu nisso.

De modo que, aleatório e escolhido a dedo, este conjunto de textos pretende ser uma janelinha bilíngue do “pensamento airado” para o mundo ou, em outras palavras, uma “janela do caos”, o caos intrínseco a este monstro de *larga risa* que circula e desliza, entra e sai, tomba e levanta sem descanso em acabadas histórias de nunca acabar.

Vale mencionar, ainda, que este trabalho foi gestado em comunidade com outro dossiê publicado na ilha do Desterro: o Dossiê Raymond Roussel que o tradutor Fernando Scheibe montou para a editora Cultura e Barbárie e está disponível no *Sopro 98* de novembro de 2013:

<http://blog.editora.culturaebarbarie.org/2013/11/19/sopro-98-dossie-raymond-roussel/>

Gostaria, finalmente, de agradecer a César Aira e Carlito Azevedo pela gentileza da cessão de seus *copyleft* à revista *Landa*, assim como à heroica e compacta legião de colaboradores deste periódico acadêmico eletrônico.

Jorge Wolff